

O TEXTO EM SALA DE AULA: PERSPECTIVAS DE ABORDAGENS INTERACIONAIS EM TURMAS HETEROGÊNEAS

Alane Mayara da Silva Almeida(1); Fábio José de Abreu Moura(2); Lucielle de FariasSilva(3); Yasmin Rita Souza da Silva(4); Albaneide de Souza Campos(5).

Universidade de Pernambuco –alanemayalmeida@gmail.com; fabiojosedabreumoura@hotmail.com; lucielles95@gmail.com; minerita.mr@gmail.com; albaneidecampos@gmail.com.

Resumo: O presente trabalho tem por finalidade discutir as concepções de textos formadores de opinião e seu uso em sala de aula. Adotando uma visão similar a de Luiz Antônio Marcuschi, busca interpretar as noções de gêneros textuais e suas funções em salas de aulas heterogêneas, ou seja, com grupos distintos de alunos. Dessa forma, procura objetivar no ensino o foco na interação e comunicação social de alunos e professores, locutores e interlocutores, produtores e receptores de textos e sentidos. O discurso tem finalidade ideológica, sendo assim, está enraizado em suas funcionalidades semânticas e pragmáticas. O trabalho pedagógico deve ter uma base teórica para apoio didático, uma vez que o trabalho será realizado a partir de novas concepções que contrastem com antigas metodologias de ensino. A partir disso, haverá maiores resultados provenientes do árduo desenvolvimento disciplinar e a consideração dos contextos sociais, intencionais e funcionais da linguagem e de seu uso em aulas. Interpretar está ligado inteiramente a gramática e essa a dinamicidade da língua e de seus falantes.

Palavras-chave: Texto, didática, interação, pragmática, funcionalidade.

1. INTRODUÇÃO

Muitos teóricos buscam explicar como se dá o desenvolvimento interacional em sala de aula. Até que ponto essa interação influencia no ensino-aprendizagem? A priori, é preciso entender as diversas moldagens dos aspectos comunicativos e como esses são realizados. “Todas as atividades humanas estão relacionadas ao uso da língua” (BAKHTIN 1979, p.279) Então, a língua é fundamental para todos os processos interacionais. Como consequência disso, é pela exteriorização dos atos de fala que temos a enunciação e essa encarrega uma praxe discursiva ideológica, onde “discurso se apresenta como um verdadeiro “retrato” de sua enunciação” (KOCH 2000, p. 33) retrato esse que diz respeito as origens e significados adotados por cada ser.

Compreender como utilizar e desenvolver a interação em sala tornou-se um trabalho complexo e requisitado no ensino. É através das situações comunicativas que nos tornamos indivíduos sociais e aprendizes comportamentais. A inferência é um ponto comunicativo importante na interação e gera sempre uma pretensão.

“Efeitos de sentido são aqueles que surgem na interpretação quando se reflete sobre as razões de uma enunciação, perguntando-se por que o locutor disse o

que disse, e quando se considera tais razões como parte integrante do que foi dito.” (KOCH 2000, p. 59).

Inferir é também compreender a intenção do locutor, de quem está emitindo a mensagem e passar a reagir de acordo com o que antes foi pressuposto. E isso só é possível através do texto, que subentendemos como um mecanismo formador de sentido.

“toda manifestação lingüística constitui um *ato* de linguagem, isto é, realiza uma ação (“todo dizer é um fazer”). Assim, os enunciados são dotados, além do conteúdo proposicional (representação lingüística de um estado de coisas por meio de um ato de referência e um ato de predicação), de uma *força ilocucionária*, que indica o tipo de ação que, por meio deles, se pretende realizar.” (AUSTIN 1962, p. 17).

Então, quem diz algo, pretende dizer e tem sempre uma razão por traz daquilo. O interlocutor possui uma base de conhecimentos prévios que permitem entender o que está sendo dito pelo locutor –que antes inferiu e deduziu a veracidade desses conhecimentos– gerando, assim, uma comunicação verbal. E, em toda comunicação verbal de sentido, temos um texto.

O texto é uma manifestação lingüística, interacional e flexiva. Por isso, deve ser explorado de maneira que incite uma reação dos alunos, que os motivem a entenderem a textualidade como parte funcional de suas vidas, uma vez que tudo é realizado através de textos, formando sentidos e deduções. A exploração textual deve ser realizada de forma dinâmica e com propósitos reais, visto que deve ter como base a sociedade real e divergente que encontra-se em toda sala de aula, considerando a heterogeneidade das turmas e das situações escolares e procurando adequar-se a uma prática construtivista que busca a totalização das participações em sala.

2. METODOLOGIA

O processo de criação do presente trabalho teve como base uma pesquisa bibliográfica, a partir da escolha da temática da discussão (que surgiu ao notar os problemas referentes ao uso do texto em aulas interativas). Foram lidos, estudados, debatidos e analisados, materiais teóricos que tratam das questões de gêneros textuais, da comunicação de alunos e professores em sala de aula e de como esse processo influencia na aprendizagem, além de aspectos interacionais ligados ao texto.

A partir dessas leituras e debates, especificam-se as principais fundamentações teóricas escolhidas para as abordagens em sala de aula, considerando-a como funcional e heterogênea, baseando-se em aspectos externos e na moldagem da língua.

A pesquisa bibliográfica recebeu apoio de uma pesquisa descritiva “este tipo de pesquisa ocorre quando se registra, analisa e correlaciona fatos ou fenômenos, sem manipulá-los” (CERVO 2007, p.19) que procurou descrever os processos de aprendizagem e as suas ligações com os gêneros textuais, observando a visão de teóricos previamente selecionados que posteriormente foram debatidos.

Após essas concepções terem sido fixadas, o debate prolongou-se e abriu espaço para argumentação e opinião, que foram transcritas durante a discussão do tema no próprio artigo. Induzindo-nos a uma questão fundamental: é necessário trazer o debate de gênero textual em perspectivas funcionais do uso comunicativo do texto.

3. O TEXTO: MECANISMO FORMADOR DE SENTIDO

As concepções acerca do texto permeiam os estudos da linguística textual, aprimorando suas análises além do cognitivo, levando em consideração aspectos socioculturais e funcionais. Dessa forma, entendendo o texto como além do escrito e visual, o entendemos como um mecanismo formador de sentido. O texto faz parte de “operações linguísticas, discursivas e cognitivas reguladoras e controladoras da produção, construção e processamento de textos escritos ou orais em contextos naturais de uso” (MARCUSCHI 2008, p.73).

Além do estético, do gramatical e do lexical, o texto tem funções comunicativas e interacionais. “a linguagem humana é interpretada como um condicionamento social, uma resposta que o organismo humano produzia mediante os estímulos que recebia da interação social.” (MARTELOTTA, p.128) Seu principal papel na sociedade é gerar um processo interativo entre falante e ouvinte ou produtor e receptor de texto. Vale salientar que uma vez que haja entendimento e comunicação entre essas partes totais da ação, temos um texto obtendo sucesso e êxito em sua função primordial.

“Um texto é uma proposta de sentido e ele só se completa com a participação do seu leitor/ouvinte.” (MARCUSCHI 2008, p.94) Sendo assim, é necessário que o contexto em que a produção textual está sendo realizada seja familiar tanto para o locutor quanto para seu interlocutor, ou seja, receptor da mensagem. Quem produz uma enunciação em um meio interacional espera uma resposta a dado estímulo, procurando um reflexo comunicativo, isto é, uma tensão social própria dos estudos de linguagem e comunicação e inerentes aos seres

humanos Os aspectos externos que influenciam na comunicação devem ser levados em consideração enquanto práticas interacionais, pois o meio influencia de forma ímpar nas ações internas e externas dos seres.

Evidentemente, o texto não pode ser tratado como um simples manuscrito, ele é também ideológico, pois reflete os pensamentos críticos de quem o realiza, colocando em jogo suas intenções, atitudes e desejos, de forma pessoal e fundamentalista.

“Ao produzir um discurso, o locutor manifesta suas intenções e sua atitude perante os enunciados que produz através de sucessivos atos ilocucionários de modalização, que se atualizam por meio dos diversos modos de lexicalização que a língua oferece.” (KOCH 2000, p.84)

A ideologia textual relaciona-se ao discurso e o discurso é um puro reflexo do ser humano que o produz. Esse discurso pode embasar em questões gramaticais, lingüísticas e funcionais, porém sempre exteriorizando um ato de fala produzido por pensamentos inconscientes do emissor. Discurso é ideologia e tradução de mundo.

4. FUNCIONALIDADE DO TEXTO EM SALA DE AULA

Um dos aspectos mais importantes que precisam ser considerados no ensino é a heterogeneidade das turmas. Muitas práticas pedagógicas ainda acreditam no mito de turmas homogêneas, onde todos os alunos aprendem da mesma forma e compreendem o mundo da mesma maneira. Esse é um erro que persegue as didáticas arcaicas e que serve de base para muitos planos de ensino.

Entender a heterogeneidade é reconhecer que há diversos contextos sociais, discursivos e intencionais aos quais as classes de alunos estão inseridas, divergindo e subentendo que as práticas pedagógicas devem ser flexíveis e não focadas apenas em certo grupo cooperativo.

Dessa forma, é imprescindível adotar o uso de texto em sala de aula como algo mutável, flexível e funcional. “O texto se dá como um ato de comunicação unificado num complexo universo de ações alternativas e colaborativas” (MARCUSCHI 2008, p. 79). O texto, então, deve ser entendido como algo único, mas adepto às situações alternativas, nas quais novas versões, interpretações e atitudes podem ser levadas em consideração.

A interação é também um processo criativo e o professor deve sempre incentivá-la. Adotar uma postura sociocomunicativa é dar oportunidades para o aluno desenvolver um

condicionamento crítico que não seja mecanizado, mas ideológico. Ele irá sentir-se mais livre para enunciar suas opiniões quando notar que essas serão discutidas e importantes para o percurso da aula. O professor deve dar uma funcionalidade para o texto, um propósito que encaminhem todos a sentirem-se parte de algo com um fim determinado.

“Os textos não são simples unidades gramaticais, e sim funcionais com propriedades pragmáticas.” (MARCUSCHI 2008, p.138). Devemos entender o texto como comunicativo, lógico, semântico e pragmático, não apenas gramatical. O texto deve ser um auxílio para o processo de aprendizagem, focando em modalidades básicas de ensino e considerando sua natureza de exteriorização interativa.

O processo funcional permite uma contextualização para que seus objetivos sejam alcançados. A transparência de enunciado faz parte de uma linha invisível que liga o cenário textual ao da realidade, aproximando a didática e o trabalho pedagógico de ensino a uma situação real de uso, influenciando de forma social a prática discursiva e funcional dos falantes e estudantes enquanto formadores de opiniões e críticos.

5. INTENCIONALIDADE: UMA RELAÇÃO ENTRE LOCUTOR E INTERLOCUTOR

“A intencionalidade, no sentido estrito, é a intenção do locutor de produzir uma manifestação linguística coesiva e coerente, ainda que essa intenção nem sempre se realize na sua totalidade, especialmente na conversação usual.” (FÁVERO 1986, p. 21) Quem fala, fala pra alguém e fala algo, subentende-se então que há sempre uma intenção, um propósito e um objetivo. Certamente, nem sempre esses objetivos são alcançados, hora porque a enunciação não foi exteriorizada corretamente, hora porque a aceitabilidade “a aceitabilidade diz respeito à atitude do receptor do texto” (MARCUSCHI 2008, p.127) não corresponde a proposta anterior do locutor.

A intenção textual centraliza seus princípios na pretensão do autor, isto é, qual seu propósito para essa enunciação? Dessa forma, a intencionalidade é um princípio básico da textualidade no momento de sua ação.

“a intencionalidade trata da intenção do emissor de produzir uma manifestação linguística coesiva e coerente, ainda que essa intenção nem sempre se realize integralmente, podendo mesmo ocorrer casos em que o

emissor afrouxa deliberadamente a coerência com o intuito de produzir efeitos específicos.” (KOCH 2000, p.79)

“A coesão explícita não é uma condição necessária para a textualidade.” (MARCUSCHI 2008, p.102), pois falantes podem entender a mensagem sem que haja uma coerência puramente gramatical, tudo é moldado pela pretensão do emissor, com o objetivo do mesmo no momento da enunciação. Dito isso, o foco da textualidade é fazer sentido, comunicar e interagir.

Essa prática que visa a interação entre locutor e interlocutor focando em objetivos previamente exteriorizados, influencia na pedagogia em sala de aula ao transmitir aos alunos um foco e uma preparação para gerar uma situação em determinados colegas. Faz-se necessário que ele saiba o que está fazendo antes de fazê-lo, mesmo que seja um texto informal em um cenário formal. Saber identificar os níveis de formalidade também é importante e pode ser feito por meio dos textos e das marcas lingüísticas identificáveis neles. Pré-conceitos são estabelecidos durante a aula e por isso uma postura do mestre de classe é indispensável para o monitoramento das demais sessões focando em atitudes e decisões que os próprios alunos tomam antes de enunciações.

É nesse contexto que podemos introduzir a intertextualidade como abismo conceitual para que os alunos notem as linhas transparentes que ligam os textos a outros textos produzidos antes e aos conhecimentos prévios que todo autor possui.

“A intertextualidade compreende as diversas maneiras pelas quais a produção e recepção de dado texto depende do conhecimento de outros textos por parte dos interlocutores, isto é, diz respeito aos fatores que tornam a utilização de um texto dependente de um ou mais textos previamente existentes.” (KOCH 2000, p.88)

A intenção liga-se a fatores intertextuais, sociotextuais e contextuais. Apontar, indicar e mostrar é um trabalho árduo, entretanto necessário para um desempenho eficaz das intenções de fala. Saber identificar quando ocorrem e em que casos ficam estabelecidos indicam uma plenitude lingüística focada em aspectos léxicos e sociais, estudados e desenvolvidos pela sociolingüística e por mecanismos capazes de revigorar o ensino de línguas. A intenção existe e todo cidadão formador crítico de opinião deve saber monitorá-la, permeá-la e identificá-la.

6. GÊNEROS TEXTUAIS: A INTERAÇÃO COMUNICATIVA

O estudo de gêneros textuais em sala de aula está cada dia mais comum, intensificado e diversificado. Isso se deve a vários fatores, incluindo a maior divulgação em seus suportes e nas diferentes concepções que os estudos lingüísticos nos apresentam. “hoje, gênero é facilmente usado para referir uma categoria distintiva de discurso de qualquer tipo, falado ou escrito, com ou sem aspirações literárias” (MARCUSCHI 2008, p.147) Ora, se antes os gêneros diziam respeito apenas a aspectos literários e a renomadas categorias, hoje em dia dizem respeito a todos os tipos de discursos e comunicações. O gênero passou a ser o produto de uma textualidade criativa, dinâmica e plural. “O estudo dos gêneros textuais é hoje uma fértil área interdisciplinar, com atenção especial para a linguagem em funcionamento e para as atividades culturais e sociais.” (Miller 1984, p.151)

Para Maingueneau “o costume mais comum na análise do discurso é categorizar os gêneros por critérios situacionais, observando-se os dispositivos comunicativos sócio-historicamente definidos.” (2004, p.108) Então, utilizar diversos gêneros em sala de aula significa reconhecer a heterogeneidade de discursos presente em um âmbito vasto e complexo de ideologias.

Os gêneros textuais são as bases da comunicação.

é impossível não se comunicar verbalmente por algum gênero, assim como é impossível não se comunicar verbalmente por algum texto. Isso porque toda a manifestação verbal se dá sempre por meio de textos realizados em algum gênero. Em outros termos, a comunicação verbal só é possível por algum gênero textual. Daí a centralidade da noção de *gênero textual* no trato sociointerativo da produção lingüística.” (MARCUSCHI 2008, p.154).

A função comunicativa só é realizada junto à produção de gênero textual e deve ser desenvolvida no âmbito interacional tanto em sociedade quanto em sala de aula, no aprendizado e na relação professor/aluno e aluno/colega. “A apropriação dos gêneros é um mecanismo fundamental de socialização, de inserção prática nas atividades comunicativas humanas.” (BRONCKART 1999, p.103).

Nesse sentido, encontramos em diversos gêneros textuais um auxílio para o ensino de gramática e textualidade, conforme situações e contextos diversos, desenvolvendo e aprimorando os conhecimentos relacionados à lingüística e a sociedade.

7. ABORDAGEM DO USO DE TEXTOS EM SALA DE AULA

O professor como um mediador e formador de conhecimentos, utiliza ideologias e concepções próprias em suas aulas. “A linguagem é um reflexo da organização interna do pensamento humano” (MARTELOTTA, p. 45), ou seja, a linguagem funciona como um tradutor externo dos pensamentos e das crenças internas, pois o ato lingüístico relaciona-se ao discurso próprio que adotamos em todas as formas de comunicação. Linguagem é identidade, razão e criticidade.

Então, é preciso adotar um posicionamento crítico em relação ao ensino de gramática e de textualidade. A partir de como entende-se o texto, considera-se a forma de utilizá-lo em sala de aula. Ora, se há o entendimento que o texto é um mecanismo formador de sentido, explorá-lo torna-se fundamental para uma aula construtiva e plural. Ao “formar sentido”, constrói-se conhecimentos múltiplos, explorações diversas e uma participação individual em um cenário coletivo. O texto é um mecanismo de posse de quem o produz e de quem o lê.

Nesse contexto, utilizar de textos é fundamental para qualquer ensino relacionado a linguagem. Nisso, surgem os gêneros textuais com uma nova modelagem, focada na atualidade, nas culturas e no abranger de cenários grupais.

“a análise dos gêneros engloba uma análise do texto e do discurso e uma descrição da língua e visão da sociedade, e ainda tenta responder a questões de natureza sociocultural no uso da língua de maneira geral. O trato dos gêneros diz respeito ao trato da língua em seu cotidiano nas mais diversas formas.” (MARCUSCHI 2008, p.149)

Apoiar-se em gêneros textuais traz um dinamismo promissor para o trabalho de turmas heterogêneas. A comunicação e o trabalho com textos orais estabelecem uma das maiores dificuldades encontradas em sala, dessa forma, adequar o ensino a diversos ramos e mistificações, desenvolvendo uma flexibilidade textual, de imagens e interacionalidade é fundamental para uma construção singular de mudanças lingüísticas e sociais.

Práticas antigas de estudos de textos baseiam-se na gramática como fundamentalista e em padrões estruturalistas, onde nomear e identificar as classes gramáticas tornava-se a única função do texto. Aspectos sociais, intencionais, contextuais e intertextuais eram totalmente desconsiderados. Entretanto, essa é uma visão ultrapassada do ensino textual. Hoje em dia, é necessário um planejamento que enfoque as questões

comunicativas e socioafetivas em sala de aula, levando em conta discursos previamente idealizados e futuramente moldados. Intercalar o ensino de textos e de gêneros textuais é uma tarefa primordial para a formação crítica dos alunados.

“o estudo dos gêneros textuais é uma fértil área interdisciplinar, com atenção especial para o funcionamento da língua e para as atividades culturais e sociais. Desde que não concebamos os gêneros como modelos estanques, nem como estruturas rígidas, mas como formas culturais e cognitivas de ação social corporificadas de modo particular na linguagem, temos de ver os gêneros como entidades dinâmicas. Mas é claro que os gêneros têm uma identidade e eles são entidades poderosas que, na produção textual, nos condicionam a escolhas que não podem ser totalmente livres, nem aleatórias, seja sob o ponto de vista do léxico, grau de formalidade ou natureza dos temas.” (MARCUSCHI 2008, p.156)

Utilizar um mesmo texto em mais de uma aula, com mais de um aspecto para análise e com direito a opinião e crítica debatida em conjunto, demonstra um crescimento único na prática docente, pois coletiviza o conhecimento e dá aos alunos a oportunidade de acrescentar na aula suas concepções. Por essa razão, é preciso adaptar-se aos novos tipos de alunos, as novas concepções acerca da linguagem e as novas dinâmicas de interação em grupo, estimulando assim um maior interesse daqueles receptores e também construtores de conhecimentos.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O texto não se apresenta no mundo de forma singular. A situação, intenção e função social são influências determinadoras da exteriorização dos atos de fala. Sendo assim, as marcas presentes no texto que indiquem a ideologia argumentativa de quem o pratica mostra-se como uma relação entre causa e consequência, entre aquilo que é dito e aquilo que é entendido.

Dessa forma, as pressuposições, intenções, atitudes e imagens que formamos em cada ato interpretativo de discurso funcionam como uma verdadeira tradução da essência de suas enunciações.

O trabalho pedagógico deve levar em conta a polaridade das turmas atuais de ensino, onde não temos uma homogeneidade dos alunos, tanto em questões econômicas quanto sociais. É

preciso adotar uma prática docente que englobe a divergência de opiniões e de maneiras de obtenção de conhecimentos, visando uma aprendizagem plural e dinâmica, focada nas relações interacionais e nos mecanismos que proporcionem uma comunicação atrelada a sociabilidade e as diversas situações universais.

Compreender o ensino de gêneros textuais e saber explorar suas influências enquanto cenários globais são de extrema importância para um desenvolvimento gradativo focado em dar significado as ações realizadas durante a aula. Preencher as aulas de interações comunicativas com propósitos específicos é tão estimulante quanto promissor. Os textos são tradutores de essências e compromissos diários com o próprio “achar” crítico do ser.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. Análise de textos: fundamentos e práticas. São Paulo: **Parábola Editorial**, 2010.

AUSTIN, John Langshaw. How to do things with words. **Oxford: Oxford University Press**. 1962.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 11. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

BERNÁRDEZ, Enrique. **Introducción a la lingüística Del texto**. Madrid, Espasa Calpe, 1982.

CERVO, Amado Luiz. **Metodologia Científica**. São Paulo: Pearson, 2007.

FÁVERO, Leonor Lopes e KOCH, Ingedore G. Villaça. **Linguística textual: introdução**. São Paulo, Cortez, 1983.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Argumentação e linguagem**. 6. Ed. São Paulo, Cortez, 2000.

_____. **Texto e Coerência**. São Paulo, Cortez, 1999.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Linguística de texto: o que é e como se faz**. Recife, UFPE/Mestrado em Letras e Linguística, 1983.

_____. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARTELOTTA, Mario Eduardo. **Manual de Linguística**. Florianópolis: Contexto, 2008.